

RESENHA

***AMERICAN NIGHTMARE: FACING THE CHALLENGE OF
FASCISM,¹ DE HENRY GIROUX***

Silvio Ricardo Gomes Carneiro²

... as democracias morrem de diferentes formas, mas o que elas frequentemente têm em comum quando caem é a virada da violência para o centro da vida política e civil.

*GIROUX, *American Nightmare**

Esta obra expressa a difícil tarefa de realizar o diagnóstico do presente sem permanecer na descrição dos fatos ou ainda na abstração dos conceitos. De outro modo, fato e conceito se articulam com vistas à circunscrição do fenômeno político do pensamento conservador. Henry Giroux quer escrever para o seu tempo e, nesse sentido, organiza os materiais que estão mais próximos para compreender a política contemporânea. Assumo aqui, de antemão, o fato de que a resenha de um livro como esse corre o risco de trazer à público um material de interesse restrito, uma vez que é muito condicionado pelo contexto estrangeiro estadunidense e, nesse sentido, de pouco interesse ao nosso contexto nacional ou, ao menos, exige do leitor certo distanciamento para encontrar na letra de Giroux o interesse que nos é próximo. No entanto, é justamente o esforço de compreensão do tempo presente que marca o interesse de um livro como esse.

À primeira vista, tratar do contexto político estadunidense é, provavelmente, trazer elementos que, bem ou mal, influenciam nosso destino político. No entanto, a similaridade dos fenômenos políticos contemporâneos entre nossos países, em especial o crescimento do pensamento conservador, são exemplos interessantes disso. Mais, para além desta aproximação geopolítica, *American Nightmare* também apresenta um bom exercício de livros de intervenção que não se restringem a um denunciamento contra o inimigo ideológico. Seus capítulos avançam na análise de contexto material-histórico de modo a articular elementos alternativos aos desígnios de uma política conservadora. Para tanto, é interessante compreender o método, ou melhor, a maneira como Giroux organiza seus materiais e, a partir disso, providencia sua crítica.

¹ Resenha do livro de GIROUX, Henry. *American Nightmare. Facing the Challenge of Fascism*, San Francisco: City Light Books, 2018.

² Professor dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia do CCNH/UFABC. Pesquisador dos seguintes grupos: NEXOS: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar, DiEPEE/UFABC (Grupo de Pesquisa em Direitos em Educação, Políticas Educacionais e Escola da UFABC) e da Rede Escola Pública e Universidade. E-mail: silviocarneiro@gmail.com.

A interpretação dos pesadelos

Escrito em paralelo com *The Public in Peril: Trump and the menace of American Authoritarianism*³, a questão que ronda a obra desse autor não se restringe ao fenômeno Trump. Há uma inquietação de fundo, que atravessa a experiência intelectual de Giroux e seu espelhamento na cultura estadunidense: o risco constante das instituições democráticas deslizarem para o autoritarismo. Nesta inquietação de forte inspiração arendtiana e adorniana, Trump é o capítulo mais recente da história de uma nação que anda no abismo do autoritarismo. Nas primeiras narrativas nacionais e espetaculares da nação estadunidense, como o filme *The Birth of a Nation* (1915), de David W. Griffith⁴, o círculo da formação política estadunidense gira em torno da narrativa racializada da violência e da escravidão dos povos justificada ideologicamente. Como se naquele território, “Blood and Soil” fosse uma mistura elementar que constitui a formação política estadunidense desde seu início.

A experiência intelectual de Henry Giroux vem há muito tempo apontando para essa tragédia. Seus trabalhos, mais conhecidos pelo público das ciências da educação, atuam desde o início sobre a instituição escolar como um território em risco da democracia, como um campo em disputa de ideologias e próprio à composição de resistências. Em conformidade com a tradição da pedagogia crítica (em que se enquadra também a figura de Paulo Freire), suas primeiras obras mostram o quanto cabe de ideológico nas disputas curriculares. Desde *Ideology, culture and the process of schooling* (1981) até, mais recentemente, *Neoliberalism's War on Higher Education* (2014), Henry Giroux ocupa o *front* da educação como central no combate de ideias e práticas por espaços institucionais públicos e justos. Em *American Nightmare*, o autor salta os muros da escola e opera uma análise do sonho americano tornado o pesadelo do autoritarismo. Movimento que acompanha também sua crítica à cultura americana, em especial, sua investigação sobre a juventude – eixo subjetivo fundamental atravessado pelas culturas do medo, do autoritarismo, da violência, mas também da resistência e da democracia.⁵

No caso de *American Nightmare* o público é mais amplo. Giroux assume um contraponto interessante, tendo em vista o exercício crítico que visa leitores não especializados, mas interessados em compreender quais mudanças sociais vem atuando os fenômenos políticos contemporâneos, em especial a onda conservadora. Para tanto, Giroux municia seu leitor com uma série de artigos de jornais e entrevistas que procuram circunscrever a era Trump. Nada escapa ao conjunto de fatos organizados por estes materiais: a atuação de Trump contra os *dreamers*⁶, a indiferença de seu

³ GIROUX, *The Public in Peril: Trump and the Menace of American Authoritarianism*, New York, London: Routledge, 2018.

⁴ Não confundir com o filme homônimo de 2016, do diretor Nate Parker, um contraponto à perspectiva da Klu Klux Klan de D. W. Griffith.

⁵ V. GIROUX, *Youth in a Suspect Society: Democracy or Disposability?*, London: Palgrave Macmillan, 2009; GIROUX, *Politics Beyond Hope: Obama and the Crisis of Youth, Race, and Democracy*, Boulder, CO: Paradigm Publisher, 2010; GIROUX, *Youth in Revolt: Reclaiming a Democratic Future*, Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2013.

⁶ *Dreamers* são as crianças e jovens, filhas de imigrantes sem documentação, que vivem nos EUA desde 2007. Em 2012, o então presidente Obama organizou um programa de apoio social aos *dreamers*. Este programa se torna alvo nos primeiros anos de Trump. Dos fatos mais recentes, temos a trágica separação de *dreamers* com os pais presos ou deportados – conforme as novas leis promulgadas por Trump, crianças foram enjauladas. Em claro ataque aos críticos, Melania Trump, a primeira dama, fez uma visita às crianças. Na ocasião, ela se vestiu com uma jaqueta estampada no fundo com a mensagem “I really don't care, do u?”. ROGERS, Katie. “Melania Trump wore a jacket saying ‘I really don't care’ on her way to Texas shelters”, *New York Times* (21

governo diante das tragédias de seus territórios (como o desprezo de Trump pela tragédia em Porto Rico causado pelo Furacão Maria e o cinismo diante de atentados armados em massa recorrentes nas cidades estadunidenses), ou mesmo o eco de seus discursos ressoando nos movimentos em defesa da supremacia branca.

Como interpretar pesadelos sociais? Podemos dizer, inspirados em Freud, que os pesadelos são sintomas. Seus sinais, lembra Giroux, são alimentados por uma cultura do medo.

O medo da precariedade [*disposability*] criou uma nova ecologia de insegurança e desespero que assassina sonhos, esmaga qualquer sentido de um futuro alternativo, e mutila a capacidade para o pensamento crítico e a agência informada. Sob tais circunstâncias os hábitos da oligarquia e do autoritarismo saturam a vida cotidiana.⁷

Ela não se estrutura apenas como “espetáculo”, mas como modo de vida, cultivando um fascismo ainda pior do que o já existente: um fascismo vindo do consumismo, como lembra Giroux, ao retomar Pasolini que anuncia um totalitarismo ainda pior. Pois, segundo o poeta, o Fascismo clerical “não entrou realmente nos italianos. Era um Estado totalitário, mas não totalizante”, como representa o consumismo.⁸ Pois bem, o pesadelo é sintoma dessa cultura do medo que se faz modo de vida, materializada por um universo guiado pelo consumismo e que, na sua inerente insuficiência, leva ao Terror, habitando mesmo na linguagem uma gramática da violência.

Eis um dos momentos fortes da análise de Giroux: a apreensão da linguagem deste pesadelo. O capítulo especial que Trump representa nessa trajetória histórica do Terror estadunidense tem sua importância nessa passagem. Afinal de contas, sendo a história estadunidense marcada por *blood and soil*, em nada explica o ponto de virada representado por Trump. Decerto, lembra Giroux, Trump herda um Estado e instituições desmantelados por anos de ingovernança neoliberal. Democratas e republicanos, ao longo de seus governos, mantiveram a linha político-econômica neoliberal contrária às regulamentações do mercado.⁹ O resultado é a narrativa que sustenta uma cultura do medo em contrapartida com a cultura do consumismo.

Ora, Trump e seus tweets são mais do que uma “estética da vulgaridade”. Nele está representada uma “visão da sociedade orientada para o mercado que voltou suas costas para a própria ideia de que valores sociais, confiança pública e relações comunais são fundamentais para uma sociedade democrática.”¹⁰ Enfim, os valores da democracia finalmente se tornaram alvo no governo Trump – uma verdadeira “arma política de autodestruição em massa para a democracia estadunidense”, como disse Henry Aaron.¹¹ Nesse sentido, Giroux acompanha o movimento retórico do presidente, sua comunicação direta pelo Tweeter, seus ataques à imprensa e à mídia, suas palavras de humilhação contra qualquer um que o desafie. Reflexos do “instinto” de Trump de

de Junho de 2018), <https://www.nytimes.com/2018/06/21/us/politics/melania-trump-jacket.html> (visitado em 10/12/2018). Em contrapartida, algumas cidades e Estados, seguindo o princípio autônomo das federações, se recusaram a operar as leis antimigratórias de Trump. Esses territórios se denominam como “santuários”, exemplos importantes de resistência no interior do pesadelo, conforme Henry Giroux.

⁷ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 105.

⁸ PASOLINI *apud* GIROUX, *American Nightmare...*, p. 66.

⁹ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 154.

¹⁰ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 47.

¹¹ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 17.

transformar “violência em linguagem”, conforme Masha Gessen sugere.¹² Isso significa preencher toda a gramática das relações políticas com linguagem de violência: *safe space* (o território livre de conflitos) é exigido a cada momento em que se encontra com seus oponentes; *witch hunt* (caça às bruxas), outro termo exemplar e interessante que Trump utiliza para a defesa de seus interesses quando derrotados pelos adversários democratas. Gessen expressa o ponto de viragem dessa linguagem inaugurada por Trump: em geral, quem “caça as bruxas” é alguém que detém poder. Há, pois, aqui uma inversão: Trump, primeira pessoa na cadeia de poder, se coloca – quando derrotado no jogo político – como a vítima impotente. Desloca assim o jogo democrático do poder, a ordem dos conflitos e, nisso, reconstitui a linguagem em um patamar de forças.

Mais intrigante ainda, nesse pesadelo, é a posição de parte da população que defende Trump. Eles não se importam com as mentiras do presidente, nem mesmo que suas políticas econômicas tendem a fazer os ricos cada vez mais ricos. Giroux se apoia na análise de Roger Berkowitz, em seu ensaio “Why Arendt matters: Revisiting ‘The Origins of Totalitarianism’”¹³. Uma das conclusões de Berkowitz exploradas por Giroux é o elemento narrativo fundamental que a linguagem de Trump inaugura. Ora, acompanhando Arendt, o que convence as massas não são fatos, mesmo que sejam inventados. O convencimento vem da “consistência do sistema que eles presumem fazer parte”¹⁴.

Ora, isso abre o argumento, necessário para Giroux, sobre a ficção que sustenta o pesadelo. Interpretar essa ficção passa a ser elemento chave no combate que passa a operar não apenas na arena institucional, mas no campo do imaginário. Temos aqui uma das passagens mais intrigantes dessa análise de Giroux, quando compreende que a narrativa de Trump se baseia em uma linguagem da violência que ocupa o território político. Com efeito, o neofascismo de Trump espelha o pesadelo de duas grandes distopias do século XX, a saber: *1984* de George Orwell e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Como vimos, Trump acompanha o *Big Brother* e sua estratégia de criar uma “linguagem contra a linguagem”, “quando as pessoas aceitam de maneira cega ideias contraditórias ou permitem que a verdade seja subvertida em nome de um inquestionado senso comum.”¹⁵ Huxley, por sua vez, apresenta outra narrativa do pesadelo contemporâneo: não é a bota do Terror sob a cabeça dos comandados esvaziados em seus engajamentos políticos (como em *1984*). Em seu *Admirável mundo novo*, o pesadelo está no sujeito produzido por uma sociedade que se estabelece na “forma sistemática e cientificamente manufaturada de idiotice e conformidade”.¹⁶ Aqui reina o entretenimento barato das mercadorias que encantam os seus cidadãos. Trump navega entre ambos: por um lado, alimenta a linguagem da violência e remenda o ressentimento do homem branco, transformando a miséria deles em um apelo racista, fanático, misógino e ultranacionalista na direção mais sombria do autoritarismo.¹⁷ Na outra margem, Trump dissolve todo o conflito em entretenimento barato, fazendo de si a

¹² GESSEN *apud* GIROUX, *American Nightmare...*, p. 19. O artigo referido de Masha Gessen acompanha a linguagem autocrática de Trump. GESSEN, “The autocrat’s language”. In: *The New York Review of Books* (13 de maio de 2017), <https://www.nybooks.com/daily/2017/05/13/the-autocrats-language/> (vistado em 10/12/2018).

¹³ BERKOWITZ, R. “Why Arendt matters: Revisiting ‘The Origins of Totalitarianism’”. In: *Los Angeles Review of Books* (18 de Março de 2017), <https://lareviewofbooks.org/article/arendt-matters-revisiting-origins-totalitarianism/> (visitado em 10/12/2018).

¹⁴ BERKOWITZ, “Why Arendt matters...”.

¹⁵ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 41.

¹⁶ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 47.

¹⁷ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 84.

personagem burlesca que alimenta a pobreza da experiência em direção ao pleno esvaziamento das forças políticas e democráticas, em piadas com vítimas e consequências. Exercícios atualizados de um fascismo do século XXI.

Despertar do pesadelo dogmático

Como despertar do pesadelo? Giroux insiste no caminho da linguagem. Afinal,

A linguagem não é simplesmente um instrumento de medo, violência e intimidação; é também um veículo para crítica, coragem cívica, resistência e ação informada. Vivemos no tempo em que a linguagem da democracia vem sendo pilhada, privada de suas promessas e esperanças. Se o fascismo será derrotado, o primeiro passo é reconhecer que o fascismo começa com palavras e em sua resposta é necessário desenvolver uma linguagem de crítica e a possibilidade que expõe e revela falsidades, sistemas de opressão e relações corrompidas de poder ao tornar evidente que um futuro alternativo é possível. Uma linguagem crítica pode nos guiar em nossas reflexões sobre a relação entre elementos antigos do fascismo e como tais práticas emergem hoje sob novas formas. O uso de tal linguagem também pode reforçar e acelerar a criação de espaços públicos alternativos em que o intercâmbio, o diálogo crítico e uma nova compreensão de política podem surgir. Focar na linguagem como um elemento estratégico de luta política não trata apenas de significações, da crítica e da busca pela verdade. É também sobre poder: compreender como ele opera e usar isso como parte de lutas contínuas de onde surgem a linguagem da crítica e da possibilidade, da teoria e da ação.¹⁸

Tal linguagem da crítica não surge pelo reconhecimento entre sujeitos, pois falam idiomas estranhos uns aos outros. Decerto, no pesadelo fascista, a teoria do reconhecimento se vê bloqueada. Amargados pelo ressentimento orientado pela gramática da violência, os princípios básicos de uma ação comunicativa parecem insuficientes.¹⁹

Giroux encontra uma gramática possível de resistência nos movimentos mesmos que contrariam a linguagem da violência. É o que denomina com a “democracia no exílio”, espaço social em que a linguagem crítica é recuperada à contrapelo da violência do conservadorismo. Segundo o autor:

Democracia no exílio é o espaço em que pessoas, famílias, redes e comunidades lutam. Ela une a promessa de engajamento político insurrecional com a criação de novas manifestações expandidas de justiça – social, econômica e ambiental. O

¹⁸ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 171.

¹⁹ Sobre perspectiva de uma teoria do reconhecimento, ver. HONNETH, *Disrespect: The Normative Foundations of Critical Theory*. Sobre a insuficiência dessas perspectivas normativas em uma era Trump, ver ABROMEIT, John, “Right-wing Populism and the limits of Normative Critical Theory”. In: *Logos: A journal of modern society and culture*, vol. 16, nº 1-2, 2017, <http://logosjournal.com/2017/right-wing-populism-and-the-limits-of-normative-critical-theory/> (acessado em 10/12/2018). Sobretudo, conforme Abromeit indica em seus artigos, a teoria do reconhecimento seria insuficiente por sua gramática normativa, uma vez mesmo que o próprio cenário do populismo conservador de direita opera com a neutralização constantes da normatividade.

conceito se dirige para o surgimento de inúmeras marchas, protestos e ações de resistência política que formam um desafio crescente às relações de poder existentes e às forças em expansão do autoritarismo e da tirania consolidada sob o governo de Trump.²⁰

No exílio, a linguagem não é simples de se utilizar. Toda a normatividade que orienta a gramática dos corpos parece avessa à linguagem do exilado. Assim, em um território fascista, a democracia passa a ser o seu avesso. No entanto, é no exílio que se encontram esperanças e solidariedade, corpos em resistência e novas formas de vida.

No exílio, recupera-se a memória contra um sistema de esquecimento fabricado. Pois a linguagem da violência, não apenas se volta contra a linguagem política, mas também é contrária à experiência que reside na memória. Não se trata de um esquecimento que vem com a distância do tempo. Organizado, o esquecimento perpetrado pela violência resulta da ruptura da experiência social, que não se vê na continuidade dos corpos e das gerações. Por isso, a confusão histórica em elementos como o holocausto judeu, que alguns defensores da supremacia branca negam veementemente a existência. Restaria aqui a distopia, cuja mensagem é o esquecimento das alternativas. Contra esse mecanismo, a memória surge à luz das lutas, das que percorrem as comunidades, dos laços solidários entre comunidades (os santuários que protegem imigrantes sem documentos sob a mira da lei e da ordem).

Se a história estadunidense é marcada pela *Ku Klux Klan*, não é de menor importância para a memória política daquele país a atuação de movimentos como o *Black Panther Party*. Neste caso, são inúmeros os exemplos de luta por uma linguagem política. Eles representam lutas que tratam tanto da educação do povo quanto da criação de uma base social mais alargada e dedicada não apenas às reformas das instituições, como também a transformação de estruturas políticas, econômicas e ideológicas da sociedade existente.²¹ Giroux encontra aqui um exemplo da linguagem política e mobilizadora, capaz de reacender a gramática democrática e seus sujeitos. Linguagem potente que atravessa o tempo e se endereça para as mais variadas correntes. Neste curto-circuito está a força do movimento *Black Lives Matter*. Eis uma das apostas de Giroux: recompor a linguagem que desmanche a máquina da cultura do medo. Aqui o desafio é grande, é do tamanho da esperança e dos sujeitos que a sustentam.

Referências Bibliográficas:

ABROMEIT, J., "Right-wing Populism and the limits of Normative Critical Theory". In: *Logos: A journal of modern society and culture*, vol. 16, n° 1-2, 2017, <http://logosjournal.com/2017/right-wing-populism-and-the-limits-of-normative-critical-theory/> (acessado em 10/12/2018)

BERKOWITZ, R. "Why Arendt matters: Revisiting 'The Origins of Totalitarianism'". In: *Los Angeles Review of Books* (18 de Março de 2017), <https://lareviewofbooks.org/article/arendt-matters-revisiting-origins-totalitarianism/> (visitado em 10/12/2018).

²⁰ GIROUX, *American Nightmare...*, p. 172.

²¹ Sobre o *Black Panther Party*, ver BLOOM & MARTIN Jr., *Black against Empire: The History and Politics of the Black Panther Party*, Berkeley: University of California Press, 2016.

BLOOM, M. & MARTIN Jr., W., *Black against Empire: The History and Politics of the Black Panther Party*, Berkeley: University of California Press, 2016.

GIROUX, H. A. *American Nightmare: Facing the challenge of Fascism*, San Francisco: City Light Books, 2018.

_____. *The Public in Peril: Trump and the Menace of American Authoritarianism*, London, New York: Routledge, 2018.

_____. *Neoliberalism's War on Higher Education*, Chicago, Toronto: Haymarket Books, Between the Lines Books, 2014.

_____. *Youth in Revolt: Reclaiming a Democratic Future*, Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2013.

_____. *Politics Beyond Hope: Obama and the Crisis of Youth, Race, and Democracy*, Boulder, CO: Paradigm Publisher, 2010

_____. *Youth in a Suspect Society: Democracy or Disposability?*, London: Palgrave Macmillan, 2009

_____. *Ideology, culture, and the process of schooling*, Philadelphia, PA: Temple University Press, 1981.

HONNETH, *Disrespect: The Normative Foundations of Critical Theory*, Cambridge, Malden: Polity Press, 2007

ROGERS, Katie. "Melania Trump wore a jacket saying 'I really don't care' on her way to Texas shelters", *New York Times* (21 de Junho de 2018), <https://www.nytimes.com/2018/06/21/us/politics/melania-trump-jacket.html> (visitado em 10/12/2018)